

***Capricho* ou oráculo: representações na imprensa sobre adolescentes**

Camila Vital Menegaz¹ e Clary Milnitsky-Sapiro²

Resumo

Representações Sociais de jovens adolescentes são veiculadas pela revista “Capricho” com caráter identitários. As autoras analisaram o conteúdo de editoriais e textos da revista ao longo da última década. Para tal, uma edição de cada ano foi selecionada. Investigamos as categorias emergentes das leituras na abordagem da revista quanto aos temas sexualidade, gênero e valores, e, como a revista “amar-

Abstract

The “Capricho” [“Caprice”] Magazine focuses on identity aspects of adolescent girls through social representations of youth. The authors analysed the content of editorials and texts published in the last decade in one edition per year in this magazine. The categories that emerged from the lecture were investigated, looking for the approach of the magazine to the following issues: sexuality, gender and values and how the magazine “fastens” its

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trabalho psíquico que o adolescente precisa desenvolver para encarar as mudanças que chegam com a puberdade assemelha-se a esse processo, ou seja, o adolescente deverá “fabricar” uma nova imagem de si para enfrentar o que lhe será imposto a partir desse momento.

O adolescente deverá assumir uma nova postura e adotar um novo papel. Os pais não podem mais “escorar” o sujeito adolescente e o jovem se depara com diversas dificuldades ao vivenciar as mudanças com seu corpo. A literatura psicanalítica assinala que o adolescente passa a ler no olhar do outro a sua imagem e, assim, tenta construir uma nova dimensão imaginária de si. É o semelhante de outro sexo que detém o poder de reconhecer o corpo do jovem, um corpo genitalmente maduro, desejável e desejanete. Ocorre aí, além do reajuste da imagem, uma mudança em seu valor. Na infância, esse valor era ditado pelos pais. Agora, o adolescente busca no olhar de um outro adolescente, as referências para as funções de ser semelhante, porém de outro sexo; de despertar o desejo do sujeito, sendo então um objeto; garantir a substituição dos pais como referentes últimos da palavra para poder ser amado (RASSIAL, 1990).

A mídia e o processo adolescente

A globalização exacerba o viver intensamente no qual o *indivíduo e consumidor* (que são indissociáveis) buscam o *SER a partir do TER*, e os meios de comunicação desempenham um papel de relevância fundamental. A mídia tem feito com que as pessoas de um modo geral passem por um processo de exposição de suas vidas e de sua intimidade, principalmente no que diz respeito à “verdade” desses indivíduos como sujeitos de uma sexualidade. É a mídia que dita essas “verdades”, e para as adolescentes do sexo feminino, foram criadas revistas que legitimam tais “verdades-imagens”, fazendo com que sejam assumidas como absolutas pelas meninas leitoras. Essas adolescentes são incitadas a adotar uma determinada postura, uma certa atitude, peso, dieta ou forma de se vestir.

Lasch (1987), aponta o quanto as sociedades fundadas no consumo em massa estimulam incrivelmente a atenção às imagens e impressões superficiais. As pessoas perdem a iniciativa e a autoconfiança, vivendo em uma eterna ansiedade e desconforto na busca de objetos reconhecidos como “ícones de pertencimento” oferecidos pelo mercado.

Além disso, as revistas dirigidas às meninas preocupam-se com a “alma” da adolescente, com o estar “alegre”, estar “de bem com a vida”, não estar “de mal com o mundo”, de forma que as jovens possam lidar bem com os amigos, com os meninos, com a família e consigo mesmas. Presentes também, estão as “verdades” da adolescente como sujeitos de uma sexualidade, de um corpo desejável e desejante que enfrenta mudanças que a tornam “anormal” e “estranha” ou “bela” e “interessante”.

Metodologia

1. Delineamento

O delineamento do presente estudo é de caráter descritivo, integrando duas etapas de investigação: a análise de conteúdo dos textos e os temas oferecidos pela revista “Capricho” e a análise de conteúdo das narrativas das meninas que participaram das entrevistas possibilitando-nos a discriminar a “construção de uma representação social” de adolescente do sexo feminino, entre 13 e 17 anos de idade. Principalmente, mas não somente, de classe média, e em Porto Alegre, RS. Acreditamos que se esse estudo for feito em outros estados, resultados muito semelhantes serão obtidos.

2. Participantes

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas de Porto Alegre (uma escola pública e uma escola particular) com dez alunas de cada escola, RS. A seleção das escolas foi feita de maneira aleatória, e o critério foi que tivessem em seu quadro discente, alunas de classe média para que, pudéssemos encontrar leitoras da revista.

3 Procedimentos

As entrevistas foram feitas individualmente durante o recreio nas duas escolas. Cada aluna assinou um termo de consentimento informado, ciente dos objetivos do estudo, os quais foram explicados para cada adolescente antes das entrevistas. Nessa declaração, as adolescentes autorizaram também a divulgação dos dados por elas informados, desde que anonimamente.

4. *Análise dos Resultados*

A análise de conteúdo utiliza procedimentos sistemáticos, os quais veremos mais adiante. No entanto, tal método também requer esforços de interpretação e oscila entre os pólos da objetividade e da subjetividade (STEIN, 2000). Por essa razão, essa técnica permite a realização de uma leitura mais fecunda dos discursos, podendo pautar-se em objetivos de quali-quantificação que, possibilitam igualmente, atentar para o caráter mais subjetivo dos discursos, ou seja, para aquilo que permanece oculto, escondido ou latente nas narrativas. Conforme Milnitsky-Sapiro (1996), nomeamos categorias uma palavra, um termo ou uma expressão que melhor exemplifique e caracterize o conteúdo identificado nas narrativas.

5. *Procedimentos para a análise*

O conteúdo das entrevistas gravado em fitas cassete foi transcrito, e as entrevistas foram lidas para a apreensão de seu conteúdo. Após uma primeira “leitura flutuante”, as unidades de sentido foram identificadas, ou seja, foram demarcadas as frases ou parágrafos que, juntos, destacavam-se da narrativa por expressar um conteúdo significativo ao objeto em estudo. Desse processo, emergiram categorias que auxiliaram na identificação e leitura da representação social de adolescentes construída e oferecida à sociedade, bem como a assimilação e interpretação dessa representação pelo “público alvo”.

Discussão e análise dos resultados

1. *As categorias*

1.1 *O “Capricho” das meninas adolescentes*

Ou... Oráculo, Guia, Manual de Comportamento ou o quê?

“É uma revista bem amiga, tu desabafa, é legal”. O comentário de Bianca,³ (14 anos), evidencia a importância do papel que a “Capricho”

³ Os nomes de todas as meninas citadas nesse trabalho são fictícios atendendo à ética em pesquisa.

desempenha na vida das adolescentes. É um espaço para contar os problemas íntimos e encontrar soluções afetivas e estéticas. Na busca por essa “ajuda” necessária e “milagrosa”, as adolescentes assimilam o conteúdo sem avaliação crítica. Ao contrário, o conteúdo da “Capricho” é pré-julgado quando a adolescente passa a adotar a revista como “a preferida”, a “amiga com quem podemos desabafar”. As meninas lêem a “Capricho”, certas de que têm nas mãos um guia poderoso para enfrentar a vida adolescente, negando as contradições e antagonismos de um discurso “esclarecedor” e intimista.

O vínculo estabelecido entre as meninas e a revista, e a representação social do que é ser uma jovem adolescente de classe média, já se explicita nessa categoria. As adolescentes são receptivas às ofertas de formas de “SER, TER e PARECER”, e o vínculo mantém-se forte, conforme as categorias emergentes da análise de conteúdo revelaram.

Isa, 12 anos, dá uma pista do que as meninas procuram ao ler a “Capricho”:

A parte que eu mais gosto da revista é quando fala da vida da gente, como a gente deve agir. (...) Tem muito teste lá. E, às vezes, as respostas dos testes ajudam a gente em muitas situações, a gente acaba usando.

2. A sexualidade como tema recorrente do “comportamento”

As seções de comportamento e beleza são, sem dúvida, as mais procuradas pelas meninas, perdendo apenas para a seção teste. Matérias especiais sobre drogas e bebidas, por exemplo, estão incluídas nesse item comportamento. As matérias sobre sexualidade, para as meninas, também estão enquadradas nesse título, “como eu devo agir na primeira vez”, p.ex. ou “se ele não conseguir transar comigo”⁴ são temas relacionados à sessão sobre *comportamento*. Outros exemplos de banalização e repetição de temas que caracterizam o pós-modernismo são as matérias sobre relacionamento afetivo e sexualidade. As matérias de namoro, juntamente com as matérias sobre sexo, sempre vêm

⁴ Trecho de uma das entrevistas.

acompanhadas do conselho de “esperar pela hora certa”. Como se o “tempo certo” do agora estivesse sempre sinalizado com a adequação interna/externa- pública/privada.

A “primeira vez de uma menina” é um tema que a revista toma como *marco* de orientação sexual. A adolescente de vida sexual ativa é sempre retratada, na seção: “sexo, onde suas dúvidas podem ser respondidas – ou não”. A condição: “não sou mais virgem” de uma menina é tratada indiretamente através de matérias sobre gravidez indesejada, aborto ou como convencer os pais a permitirem uma viagem com o namorado se eles não sabem que a filha não é mais virgem.

3. *A identificação do “certo e errado”*

A seção “certo e errado” também promove mais estereótipos. Nesse caso, a seção estereotipa as meninas, dizendo que elas devem ser magras, ter o corpo esbelto e, portanto, condições de usar as roupas que são mostradas e julgadas na seção. A técnica do espaço certo e errado é a seguinte: a revista fotografa algumas meninas nas ruas do país e, abaixo das fotos publicadas, diz se a produção está “certa” ou “errada”. Depois, explica os porquês dessa definição, sempre exaltando os pontos positivos da produção considerada certa e os negativos da produção considerada errada. Enfim, a revista define a menina magra e com o corpo em forma como o ideal, o padrão de beleza a ser seguido que é exaltado nas matérias de moda e beleza. A seção: “certo e errado” “julga e condena” as adolescentes e, até, as ridiculariza.

4. *A linguagem da “Capricho”*

Mesmo havendo um certo cuidado com a correção da linguagem, um certo excesso na busca de identificação com o público-alvo, e o uso de gírias do momento está presente na maioria dos textos, como alternativa para aproximar revista e público alvo. As meninas que falam e são faladas na “*Capricho*” ficam “*iradas*”, acham algumas coisas “*hilárias*”, “*agitam mil lances*” nos “*points*” de encontro da “*galera*”, gostam de “*papo cabeça*”, aprendem a “*desencanar*”, envolvem-se em “*rolos*”, costumam “*ficar*” com “*gatos*” ou “*colírios*” quando saem à noite, etc.

5. *Ambigüidades e contradições*

O conteúdo dos textos da “Capricho” é marcado por ambigüidades e por contradições misturadas em textos que retratam a fantasia e o sonho, que detalham em minúcias a “normalidade” e a “anormalidade” das adolescentes, bem como as “formas milagrosas” para corrigir as “deformidades”.

Juntamente com “as normais” vêm “as comuns” que são auto-excluídas do mundo da fantasia dos artistas, e dos famosos, porque eles não são pessoas comuns e, portanto, uma menina para namorá-los também não pode ter essa característica. Deve ser “especial” como ele ou deve pertencer ao ambiente de *glamour* ao qual o ator em questão está inserido.

Porém, mesmo na conquista de “meninos comuns” a menina deve ser bonita e espirituosa. Se for bela, ótimo, a revista irá ensiná-la a ficar mais formosa ainda. Se não for, bem, para tudo a “Capricho” tem uma solução, então nada de pânico: a revista irá ensinar truques para “solucionar o problema”. Nas respostas sobre como “consertar os erros do corpo”, a “Capricho” utiliza expressões como “nascer assim”, “esconder o arrepiado do cabelo”, “disfarçar a barriguinha” ou “esconder aquela mancha no rosto” para situar a leitora em relação ao assunto, reforçando o “desvio”.

As categorias que compõem a representação das adolescentes

1. *Dubiedade*

Essa característica da “Capricho” está presente em matérias que envolvem, principalmente, temas polêmicos como drogas, bebidas e aborto. A opinião da revista ora é demonstrada claramente para ser, em seguida, sutilmente desfeita, ora é deixada no ar para “fazer a menina pensar”; sem contudo, dar subsídios suficientes para que a adolescente possa chegar a sua própria conclusão sobre o assunto.

O nome “Capricho”, como Fischer (1996) observou, é a “porta de entrada” para esse mundo de dubiedade – o título da revista quer dizer desejo súbito, impulsividade, fantasia e volubilidade, mas pode significar também aplicação, esmero, apuro. Em sua dubiedade e em suas contra-

dições, a revista atua sobre a resistência dos mais jovens, mesmo que dispersa e fugidia, conforme descreveu Fischer (1996):

2. *Ambigüidade*

A revista é ambígua em seus textos, conforme o observado nas matérias sobre aborto, por exemplo, quando o texto é de “amiga que ensina e aconselha a menina a se cuidar”, que ameaça informando de possíveis consequências de um aborto, mas que acaba indicando formas de se realizar um ao detalhar as formas utilizadas pelas adolescentes que o praticaram. O texto é redigido de forma que tais “técnicas abortivas” sejam descritas implicitamente como *dicas de como interromper uma gravidez indesejada*.

“Capricho” é ambígua também ao não tomar posições nas matérias de bebidas e drogas, mostrando o lado ruim, mas, ao mesmo tempo, deixando a menina pensar e decidir se é bom ou não, se realmente faz mal ou não. O mesmo acontece nas matérias de bebidas alcoólicas, nas quais a revista condena as misturas veementemente, mas depois publica uma matéria sobre bebidas energéticas misturadas com álcool, sem dizer claramente se essa mistura faz mal ou não. Os textos da revista afirmam-se e negam-se simultaneamente. No exemplo das matérias sobre aborto, a reportagem diz: “cuide-se para não engravidar tão nova, mas veja como esse problema tem solução”.

3. *Função da revista: o oráculo*

Para as meninas, esse é o papel que a “Capricho” desempenha na vida de cada uma. É na revista que elas buscam a informação milagrosa sobre como conquistar um menino, como mudar o visual, ficar mais bonita para aparecer para o sexo oposto, quais são as roupas da moda e como utilizá-las, o que fazer na primeira vez, enfim. É na revista que as meninas procuram aprender a conhecer seus corpos, descobrem o que é normal e o que não é, procuram respostas para suas dúvidas e ouvem “conselhos” e recomendações de alguém que parece dizer “eu sei tudo, aqui você encontra o que procura”.

Essa denominação é perfeita para caracterizar a “Capricho” quando a revista deixa de colocar, no texto, os créditos dos especialistas em

determinados assuntos – os quais foram consultados para que aquela informação saísse na revista – e passa a publicá-los em “Box” no editorial. Da mesma forma, nas reportagens especiais, principalmente sobre assuntos polêmicos, a “Capricho” assume o papel de conselheira por-que raramente publica a fonte da matéria.

O papel de oráculo desempenhado pela “Capricho” é visível na narrativa das meninas, que acreditam ter nas mãos um poderoso “guia de sobrevivência adolescente”. Na fala de Bianca, 14 anos, percebemos essa visão da revista em dois momentos:

É uma revista bem voltada para adolescentes e eu adoro! [...] Quando uma “Capricho”...

A afirmação de que a menina primeiro pensa em mandar uma carta para a revista deixa claro esse papel delegado à revista pelas adolescentes – antes de decidir como agir, ela pergunta para “Capricho” o que fazer. Carol, 14 anos, procura em seu Oráculo soluções milagrosas para atender a seus desejos:

Eu utilizo algumas dicas. Tem uns negócios de simpatia, aí eu faço. Tipo assim, para arranjar namorado, coloca não sei o quê embaixo do travesseiro. Várias desse tipo.

Isa, 12 anos, diz que “ela fala coisas para a gente agir em certas situações” e, ao afirmar isso, destaca outra função da “Capricho”. Analisada a seguir.

4. Suposto caráter pedagógico

Todos os temas polêmicos relatados anteriormente são tratados à exaustão pela revista, sendo possível observar a tentativa de “ensinar” às meninas a agirem em determinadas situações. Isa afirmou em sua narrativa que a revista procura ensinar a menina a se vestir *corretamente*, adequando a produção ao formato do seu corpo; ensina a adolescente a cuidar da pele, dos cabelos e da “alma” – através de suas atitudes; ensina à menina a “esperar a hora certa” para iniciar um relacionamento

amoroso ou sexual; e enfim, procura ensinar a menina até a se relacionar com os pais, com os amigos e com os namorados. FISCHER (1996), constatou que as meninas leitoras da “Capricho” acreditam que “a revista serve para ensinar ‘como são’ ou ‘como vão acontecer’ as coisas da vida – amor, sexo, namoro” (p. 217).

Essa “pedagogia” da revista atropela a relação parental na medida em que “ensina” a adolescente a marcar uma consulta no ginecologista “sem precisar ir com a mãe”, por exemplo, e incentiva um distanciamento maior entre os filhos. Os pais, no entanto, utilizam a revista para conversar com as filhas, principalmente, sobre sexo, conforme constatou FISCHER (1996):

Contatos informais com algumas famílias cujas filhas adolescentes lêem a “Capricho” permitiram-me levantar a suposição de que a revista tem sido utilizada como ‘material didático’ dentro do ambiente familiar: algumas mães e inclusive avós sentem-se mais seguras na orientação sexual das meninas tendo em mãos os textos da “Capricho” (p. 217).

5. A (confissão da) anormalidade

De maneira implícita, através do conteúdo de seus textos, “Capricho” convoca as adolescentes a confessarem seus defeitos para que a revista possa indicar a solução que fará a menina considerar-se “normal”. O que “Capricho” considera normal não é bem definido pela publicação. Ser normal pode significar vestir-se de acordo com a moda, utilizar produtos de beleza para ficar bela, cuidar do corpo para que ele esteja sempre em forma, enfim: A menina “anormal” pode ser aquela que usa aparelho no dentes, que tem cheiro ruim nos pés, que tem pintinhas nas costas, coxas grossas ou umbigo grande demais. Não existe um ser singular, a revista indica um padrão que, descomprometidamente, considera “normal”; padrão esse que beira à perfeição.

O conflito na relação normalidade x anormalidade está constantemente presente nos textos da “Capricho” e é pauta de diferentes matérias, acompanhadas do testemunho das adolescentes. Uma matéria intitulada “será que eu sou?” traz depoimentos de meninas que dizem gostar muito da melhor amiga e que não trocam a companhia dela pela

de nenhum garoto. A cada depoimento, uma pergunta precede o comentário da revista: “é normal sentir ciúmes da minha amiga?”, “será que é normal não pensar em garotos? ou” é normal ser diferente das outras meninas?” (novembro de 2000, p. 117-118-119). A todos esses questionamentos, *Capricho* garante que são sentimentos e dúvidas normais na adolescência e que a menina não é diferente por isso, *mas alerta* que a melhor maneira de ter certeza se a pessoa é ou não homossexual é esperar o tempo passar e ver o que acontece. A revista faz a menina confessar sua “anormalidade”, diz a ela para não se preocupar porque é normal e, ao mesmo tempo, avisa que só depois de algum tempo a própria menina poderá ter certeza de sua “anormalidade”.

Conclusão

A mídia desempenha um papel muito importante – fundamental, pode-se dizer – na formação da personalidade adolescente. “Capricho” desempenha uma função ainda mais importante – a função oráculo – porque assume o papel de conselheira das meninas em muitas situações.

Assim, a revista CONSTRÓI o corpo, o afeto, a aparência e o desejo da adolescente, produz a representação social, e é veículo dessa representação disseminando-a entre o público que precisa apreendê-la, possibilitando assim, a renovação da representação social da adolescente de classe média.

Referências bibliográficas

- BLOS, P. *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DOLTO, F. & DOLTO-TOLITCH, C. *Palabras para adolescentes: o el complejo de la langostrá*. Buenos Aires: Atlântida, 1993.
- ERIKSON, E. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FISCHER, R. M. B. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, 1998. ? f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, v. 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 152p.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, v. 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 230p.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, v. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.
- FREUD, A. Adolescência. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 5, n. 11, p. 63-85, 1995. (Originalmente publicado em 1958).
- FREUD, A. Adolescência. In: *Adolescência: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 5, n. 11. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. (Originalmente publicado em 1958).
- FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das *Obras completas* de Sigmund Freud, v. 6, Rio de Janeiro: Imago.
- GIONGO, A. L. *O ficar e sua função na adolescência: um estudo em uma escola de classe média alta de Porto Alegre*. 1998. ? f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. M. and MOSCOVICI, S. *Social representation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. Social psychology and developmental Psychology: extending the conversation. In: *Social representations and the development of knowledge* (Edited by Gerard Duveen and Barbara Lloyd). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MILNITSKY-SAPIRO, C. Desenvolvimento sócio-moral na escola: o papel da afetividade no desenvolvimento de estratégias cognitivas. In: *Cognição Social e Juízo Moral* (Coletâneas da ANPEPP), s./l., v. 1, n. 6, 1996.

RASSIAL, J-J. Entrevista com Jean-Jacques Rassial. In: *Adolescência: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*: v. 5, n. 11. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

RUFFINO, R. Adolescência: notas em torno de um impasse. In: *Adolescência: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 5, n. 11. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

STEIN, M. L. M. A função das entrevistas iniciais para a formação profissional dos terapeutas: marcas de uma processualidade. 2000. ? f. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.